

Apresentação

1

Um corpo cada vez mais extenso de estudos, em várias disciplinas, tem questionado a primazia do humano, a dominação do humano sobre a natureza e a constituição da fronteira entre o humano e o animal. Não seria um exagero afirmar que a crítica do antropocentrismo é um dos grandes desafios do nosso tempo, posto que vivemos acossados por uma crise ambiental que instala a possibilidade da abolição definitiva de formas de vida humana e não humana no planeta, como consequência da exploração desenfreada e sem planejamento dos recursos naturais. Antropoceno, termo colocado em circulação pelo químico holandês Paul Crutzen e hoje amplamente adotado, designa esta nova era geológica inaugurada pela Revolução Industrial, na qual os seres humanos já se transformaram em agentes capazes de interferir com os processos físicos mais básicos da Terra. Precisamente porque entramos em uma era geológica caracterizada pela capacidade dos humanos de produzir danos de larga duração ao planeta, a crítica do antropocentrismo se torna hoje, mais que nunca, tarefa urgente.

Os ensaios reunidos neste volume, alguns de cunho teórico, outros de corte mais analítico, se inserem neste contexto do Antropoceno, que é o da inseparabilidade entre cultura e ecologia, entre história humana e história natural. Eles nos colocam perguntas como: qual o papel da filosofia na elaboração do domínio humano sobre os animais não humanos e a natureza? Em que sentido a crítica do antropocentrismo pode gerar formas de imaginação que desloquem nossa compreensão do humano? Até que ponto essa crítica nos propõe outros modos de organizar nossos relatos para além da primazia antropocêntrica? Como a literatura imagina as fronteiras entre o humano e o não humano? Qual o potencial renovador da poesia e da ficção em época de catástrofes climáticas e crise ambiental? Como aprender dos vários saberes ameríndios que sempre escaparam à arrogância antropocêntrica?

As perguntas formuladas por este dossiê podem ser observadas, no caso da crítica literária brasileira, em textos pioneiros como o de Benedito Nunes (*L'animalité: essai sur le statut de l'homme*. l'Herne, 2007), que rastreiam “certa cegueira conceitual do homem em face dessa situação de troca entre ele e o animal”. Mais recentemente, Maria Esther Maciel tem desenvolvido toda uma pesquisa sobre as formas de figuração da animalidade na literatura e no cinema (*Pensar/ escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. UFSC, 2011) que

também nos convidam a repensar essa fronteira, que até pouco tempo se imaginava ontologicamente segura. Na Argentina, Fabián Ludueña tem desenvolvido uma notável crítica do conceito de biopolítica, mostrando como a domesticação da animalidade cumpriu um papel na própria fabricação do que entendemos como humano – fazendo com que, portanto, o conceito mais adequado seja o de zoopolítica (A comunidade dos espectros. Trad. Alexandre Nodari e Leonardo D'Ávila. Cultura e Barbárie, 2012). Em trabalhos como os de Gabriel Giorgi, a figura do animal aparece como ferramenta precisa para mapear saberes e políticas do vivente, enquanto que nos ensaios de Julieta Yelin encontramos uma articulação entre um corpus de textos zooliterários contemporâneos e a agudização da crise dos discursos humanistas.

Com ensaios sobre pensadores contemporâneos como Bruno Latour e Eduardo Viveiros de Castro, releituras de escritores canônicos como Mário de Andrade e Guimarães Rosa, Blanca Varela e Ezequiel Martínez Estrada, análises de poetas como Manoel de Barros e Eduardo Sterzi, estes novos textos se incorporam ao processo questionamento dos saberes e das políticas antropocêntricas da nossa contemporaneidade.

Florencia Garramuño y Idelber Avelar
Editores convidados da presente
chamada pública

A revista apresenta também um dossiê sobre Julio Cortázar organizado pelo professor e pesquisador Emanuele Leonardi, da Universidade de Palermo, Sicília, que aproxima Cortázar a Macedonio Fernández pela via do humor em seu texto de abertura *Cortázar y Macedonio: Humorismo y desconstrucción*. Alfonso de Toro, da Universidade de Leipzig, por sua vez, coloca o autor de *Historias de cronopios y de famas* frente a Borges, enquanto Roberto Ferro, da Universidade de Buenos Aires, comenta as várias possibilidades de leitura de *Rayuela*. A capa do dossiê foi produzida a partir de uma contribuição de Miguel Rep que participou, em setembro de 2014, das comemorações do centenário de nascimento de Julio Cortázar organizado pelo Núcleo Juan Carlos Onetti de Estudos Literários Latino-Americanos, em parceria com o Consulado Argentino em Florianópolis, o Programa de Pós-Graduação em Literatura, o Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e a Secretaria de Cultura da UFSC. Na seção de resenhas, Matías Ayala Munita apresenta o livro *Formas comunes: Animalidad, cultura, biopolítica*, de Gabriel Giorgi.

Equipe editorial